

TEORIAS FASCISTAS: discutindo o fascismo em sala de aula

Fascist theories: discussing fascism in a classroom

Sandra Regina Rosa da Costa

Carlos Odilon da Costa

Vilisa Rudenco Gomes¹

RESUMO: O presente artigo trata sobre o Movimento Fascista e seus principais fundamentos. Tem por objetivo discutir meios de tratar o assunto em sala de aula com a intenção de conscientizar os alunos, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, do quanto é perigoso trilhar por tais caminhos e reproduzir comportamentos que dizem respeito aos fundamentos que compõem o Fascismo. De início, trataremos da contextualização histórica de como apareceu no mundo o Regime Fascista e sua ascensão ao poder nas sociedades democráticas. Em seguida, apresentaremos meios didáticos de tratar o assunto entre os jovens estudantes no intuito de fazer com que possam identificar por meio de notícias e gestos de seu próprio grupo os fundamentos fascistas encontrados no decorrer da História.

Palavras-chave: Fascismo. Teorias fascistas. Ideologia.

Abstract: The article deals with the Fascist Movement and its main foundations. It aims to discuss ways of treating the subject in the classroom with the intention of raising awareness among students, elementary school and high school, how dangerous it is to tread such paths and reproduce behaviors that relate to the foundations that make up Fascism. At the outset we will deal with the historical contextualization of how the Fascist Regime and its rise to power in democratic societies appeared in the world. Next we will expose didactic means to treat the subject among the young students in order to make it possible to identify through the news and gestures of their own group the fascist foundations found in the course of History.

Keywords: Fascism. Fascist theories. Ideology.

Introdução

De um modo geral, na disciplina de Sociologia, a ascensão dos movimentos fascistas é pouco abordada em sala de aula, tampouco as características que envolvem esse movimento. Procura-se abordar esse assunto nas aulas de História, quando em específico se trabalha com educandos do Ensino Fundamental do 9º ano ou 3º ano do Ensino Médio.

No entanto, é um assunto de extrema importância para se abordar em sala de aula, pois tratará de conflitos contemporâneos que nossos jovens em seus relacionamentos e em suas buscas de identidade e grupo presenciam a todo o momento no seu cotidiano.

O presente texto pretende encorajar professores da área das Ciências Sociais e de História a produzirem questionamentos contemporâneos, frente ao que o mundo viveu no Período Entreguerras e a ascensão dos regimes fascistas, buscando comparar alguns temas violentos que vivemos na atualidade com os fundamentos desse movimento que abalou a História do mundo. Para isso, buscaremos consolidar nossos estudos dialogando com autores que poderão nos ajudar a contextualizar historicamente o Fascismo e trazer ideias que possam nortear o processo de ensino e aprendizagem desse tema tão reservado.

¹ Mestre em Educação/FURB. *E-mail:* vilisarudenco@yahoo.com.br.

A ascensão dos movimentos de esquerda

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Europa viveu uma grande crise econômica. No início dos anos 1920, até houve certo desenvolvimento, no entanto, em 1929 houve a queda da Bolsa de Valores de Nova York, que mergulhou o mundo num movimento conhecido como a Grande Depressão dos anos 1930. Os comunistas culpavam a burguesia pela crise, recordando a todos de que Karl Marx já havia mostrado a irracionalidade do sistema capitalista, capaz de produzir abundância e miséria ao mesmo tempo. Lembravam também a todos que o único país que havia escapado da crise mundial era a União Soviética. Assim, muitos operários e intelectuais começaram a simpatizar com as ideias dos comunistas e a votarem neste grupo a cada eleição para fazerem parte do Parlamento.

Nesse contexto, empresários capitalistas começaram a temer uma possível revolução socialista, fazendo com que pensassem na única possibilidade de combater esse movimento, tentando colocar uma ditadura que colocasse os comunistas na cadeia, proibisse as greves e restaurasse a segurança dos investidores.

A classe média e a pequena burguesia também estavam assustadas com a crise, pois percebiam que o seu padrão de vida estava em queda, abominavam a luta operária porque achavam que eram os operários, com suas greves, os responsáveis pela inflação. Partindo desse princípio, acreditavam que só estariam seguros se houvesse um regime político autoritário que acabasse com toda a desordem social a qual estavam inseridos. Assim, ganharam força os partidos políticos de extrema direita por toda a Europa. Esses partidos formaram um movimento político chamado Fascismo. Segundo Carvalho (2007, p. 4), “[...] onde as tradições democráticas eram mais antigas e fortes, o liberalismo soube gerir as dissensões internas; mas onde o jogo partidário não tinha raízes, a instabilidade governativa foi um verdadeiro punhal apontado ao coração das democracias”.

O fascismo italiano

O fascismo nasceu na Itália partindo de um regime autoritário de extrema-direita desenvolvida por Benito Mussolini, a partir de 1919. Segundo Del Roio (1987, p. 12), o fascismo italiano foi o regime que serviu de “modelo e referência para outros regimes análogos que brotaram em várias partes do globo”.

O termo Fascismo deriva da palavra italiana *fascio*, que significa *feixe*. Del Roio (1987, p. 12) diz que tal ideia deriva do Antigo Império Romano, onde os juízes tinham um feixe de varas de olmo e bétula amarrados em cordas vermelhas como símbolo do poder do Estado. No decorrer da história, tal símbolo continuou aparecendo como representação de algumas cidades nos brasões de famílias nobres. Esteve presente na luta da unificação da Itália significando unidade e liberdade.

A fim de pressionar o governo italiano a intervir na guerra contra o império Austro-Húngaro, Mussolini criou um movimento em 1915, que denominou de *fascio interventisti*, surgindo enquanto organização como *Fasci di Combattimento*. Em Milão, no dia 23 de março de 1919, Benito Mussolini fundou o movimento fascista italiano. Entre os membros fundadores faziam parte líderes revolucionários sindicalistas como Agostino Lanzillo e Michele Binachini. Em 1922, organizaram uma marcha para Roma com cerca de 50 mil pessoas (camisas negras), com a pretensão de tomar o poder militarmente e ocupar os prédios públicos e estações ferroviárias, exigindo a formação de um novo gabinete e que o rei nomeasse Mussolini primeiro-ministro. O rei Vitor Manuel III, pressionado pela burguesia que apoiava o movimento e para

evitar uma guerra civil, acabou cedendo, nomeando, em 29 de outubro de 1922, Mussolini como primeiro-ministro do reino.

Em 1923, passaram a desenvolver um programa de separação da Igreja do Estado, um exército nacional, um imposto progressivo e o desenvolvimento de cooperativas na República Italiana. Em 1924, o Partido Nacional Fascista (PNF), recorrendo à violência e à fraude, consegue a maioria nas eleições. Mussolini mandou fechar todos os outros partidos políticos italianos e prendeu seus opositores, implantando a ditadura fascista na Itália.

Del Roio (1987, p. 17) nos diz que “a ditadura fascista não se instaurou imediatamente, [...] nos primeiros tempos manteve-se na legalidade constitucional”, mostrando lentamente seu caráter ditatorial. Segundo Del Roio (1987, p. 18), em novembro de 1926, Mussolini sofre uma tentativa de atentado realizada por um jovem de 16 anos, Anteo Zamboni, quando se partiu para “as leis especiais de defesa do Estado”, sendo que o momento simbólico da fascistização do Estado Italiano é com a apresentação da bandeira *fascio littorio* (símbolo do Antigo Império Romano) em 30 de dezembro de 1926.

O Estado Italiano Fascista foi reconhecido pela Igreja Católica por meio de um tratado chamado “Tratado de Latrão”, onde em troca do reconhecimento político do governo fascista pela igreja, Mussolini criaria um estado para a Igreja num bairro de Roma, o “Estado do Vaticano”. Torna-se importante colocar que a ditadura fascista italiana surgiu bem antes da crise de 1929.

O fascismo alemão: o nazismo

Na Alemanha, o movimento fascista foi chamado de nazista, que é abreviatura de *nacional-socialista*. Quando terminou a Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Alemanha passou a ter um regime democrático. Esse período de liberdade política foi chamado de República de Weimar e durou até 1933, quando os nazistas tomaram o poder. Todos os partidos políticos importantes tinham deputados no Parlamento, inclusive os comunistas e os nazistas. No entanto, esse período democrático da República de Weimar não se apresentava em seus melhores momentos.

O quadro apresentava-se desesperador; os sistemas de transportes, a indústria e a agricultura estavam arruinados. A fome e a desocupação rondavam todas as portas. A numerosa classe operária agitava-se e procurava seguir o exemplo da revolução socialista na Rússia. Espoucavam-se rebeliões proletárias descoordenadas que eram esmagadas pelo governo [...] É nesta espiral de rebeliões e repressões que se realiza em janeiro de 1919, as eleições para a Assembleia Constituinte, [...] que irá de 1919 a 1933, [sendo] denominado de República de Weimar” (DEL ROIO, 1987, p. 36).

Derrotada na guerra, a Alemanha teve de pagar uma imensa dívida para os ingleses e franceses. A crise de 1929 levou milhões de alemães ao desespero. O desemprego atingiu 44% dos trabalhadores. A crise levou muitas pessoas a votar nos comunistas e nos socialdemocratas.

O partido nazista, ou seja, Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores, chefiado por Adolf Hitler, acusava os comunistas, os liberais e os judeus de desgraçar o país. Prometia acabar com a “desordem” e restaurar o orgulho de ser alemão. Falava em combater os banqueiros muito gananciosos e em proteger a classe média. Anunciava que os alemães pertenciam à raça ariana, que considerava superior às outras e que, portanto, não poderia curvar-se diante do mundo.

Num país faminto, humilhado pela derrota na Primeira Guerra e inseguro com a crise, os nazistas ofereciam o sonho de tranquilidade, do orgulho patriótico e da força. Os nazistas tinham técnicas avançadas de propaganda política. Seguindo as ideias de Goebbels, o ministro da propaganda política fascista manipulava as informações. Explorava o inconsciente coletivo alemão e os ressentimentos causados pela derrota na Primeira Guerra. Falava em vingança, em “Alemanha acima de tudo”. Formava bandos de jovens uniformizados e cheios de músculos, que ocupavam as ruas perseguindo todos os inimigos: comunistas e socialdemocratas, judeus, homossexuais.

Depois da crise de 1929, Del Roio (1987, p. 38-39) coloca que essa crise atingiu a Alemanha intensamente, causando milhões de desempregos e falências, inclusive das propriedades rurais. O movimento operário e comunista torna-se mais acelerado e a burguesia passa a concentrar seus esforços no partido nazista, pois não consegue mais conter o avanço comunista por meios democráticos. Por intermédio desse investimento, a propaganda tornou-se eficiente a ponto de eleger inúmeros deputados do Partido Nazista para o Parlamento.

No entanto, as forças antinazistas estavam divididas. Os socialdemocratas e os comunistas acusavam-se mutuamente de favorecer os nazistas. Os liberais não queriam se unir à esquerda para combater Hitler. Só os nazistas estavam unidos e coesos. Daí sua força e sua ousadia. Entretanto, os nazistas jamais conseguiram a maioria absoluta dos votos do povo alemão. Mais da metade dos alemães votava contra os nazistas.

Meses antes de dominar a Alemanha, Hitler foi candidato à Presidência da República e perdeu as eleições para um velho político tradicional, Marechal Hindenburg. Hitler entra em cena no governo de Hindenburg, segundo Del Roio (1987, p. 39), por intermédio da pressão de industriais para que Hitler se tornasse chanceler.

Os nazistas tomaram o poder com um golpe de Estado apoiado pelos megaempresários e pela cúpula das Forças Armadas em 1933. O Reichstag (parlamento) foi incendiado pelos nazistas, que puseram a culpa nos comunistas. A partir daí todos os partidos políticos foram fechados, com exceção do nazista. A GESTAPO (polícia secreta) vigiava e aterrorizava toda a população.

Primeiramente os comunistas e social-democratas, depois qualquer tipo de opositor, são levados aos campos de concentração e ali são humilhados, torturados, fuzilados, enforcados ou decapitados. Os sindicatos também são eliminados e todos os operários obrigados a inscreverem-se na organização nazista *Frente do Trabalho*. O Estado é totalmente nazificado, a sociedade civil forçada a adequar-se. Monta-se um grandioso aparato policial, começam as perseguições raciais e a destruição de todas as expressões culturais que não sejam adaptadas ao péssimo gosto pequeno-burguês do nazismo (DEL ROIO, 1987, p. 39).

Mesmo com a exaltação da nação e muitas vezes da raça acima do indivíduo, o Fascismo não chegou a ser semelhante. O Nazismo utilizou a violência e práticas modernas de propaganda e censura para suprimir pela força a oposição política e econômica severa e sustentar o nacionalismo utilizando práticas de xenofobias. O modelo econômico adotado pelo Fascismo foi eficiente na modernização da economia industrial e na diminuição do desemprego.

O estado totalitário fascista

Os fascistas gostavam de se apresentar como grandes revolucionários, que vieram para mudar totalmente a sociedade. Suas ideias eram embasadas na democracia, que era considerada um regime fraco e incapaz de resolver a crise econômica. Dessa forma, os políticos eram

demagogos e corruptos e o país necessitava urgentemente de uma autoridade incontestável, um grande líder para “consertar” a sociedade. Carvalho (2007, p. 6) nos diz que “é pela oposição firme ao liberalismo, à democracia parlamentar e ao socialismo que se define o Estado Totalitário Fascista”.

O regime fascista nasceu para defender o capitalismo, é uma ditadura favorável à burguesia. Esse regime domina quase tudo, menos as empresas que continuam sendo propriedade particular dos burgueses. Acaba-se a democracia, não há eleições, há presos políticos que criticam o governo, greves, e passeatas e protestos são totalmente proibidos. O único partido permitido é o fascista e os sindicatos devem obedecer incondicionalmente ao governo.

Para entender os fascistas, é necessário entender os movimentos fascistas. Pouco poderemos compreender dos fascistas individualmente e do que fizeram se não levarmos em conta que se uniram em organizações específicas de poder. Também precisamos inseri-los no contexto geral do século XX, em relação às aspirações de Estados mais eficazes e maior solidariedade nacional, pois o fascismo não é uma aberração nem simplesmente uma questão de mero interesse histórico. O fascismo tem sido parte essencial, embora predominantemente indesejável, da modernidade (MANN, 2008, p. 11).

Mann (2008, p. 11-17) afirma que “no início do século XXI, [há] sete motivos pelos quais os fascistas ainda devem ser levados a sério”. 1) Ele nos diz que o Fascismo, com o ambientalismo, foi a primeira doutrina política de alcance histórico mundial surgida no século XX. 2) Que o Fascismo está no cerne da modernidade e não se apartou de outros movimentos modernos. 3) A ideologia fascista deve ser tratada a sério porque ainda é aceita. 4) A clientela fascista tinha uma relação particularmente estreita com o ícone estado/nação. 5) Deve-se levar em conta o seu caráter militar e o seu fascínio pelos jovens do sexo masculino, pois a violência popular favoreceu o seu êxito. 6) Não nos cabe desculpar ou relativizar os atos de maldades do Fascismo, mas tentar entender as circunstâncias a qual foram realizadas. 7) Devemos levar a sério a possibilidade da volta dos regimes fascistas, pois algumas condições geradoras dos movimentos fascistas ainda se encontram presentes no mundo.

Com o modelo fascista de Benito Mussolini em 1925 se assumiu o lema do “nada fora do Estado, acima do Estado, contra o Estado. Tudo no Estado, dentro do Estado”, tentando substituir o lema da revolução francesa, de “*liberté, égalité, fraternité*”, pelo lema fascista de autoridade, ordem, justiça. O próprio Mussolini, no artigo *Fascismo*, publicado em 1929, definia o Estado como “*stato totale*”, proclamando que aquele século seria o século da autoridade, de direita e fascista. Três anos depois, em “*La Dottrina del Fascismo*”, já considerava que para o fascista, tudo está no Estado e nada de humano e espiritual existe, e muito menos tem valor, fora do Estado.

Neste sentido, o Fascismo é totalitário e o Estado fascista, síntese e unidade de todos os valores, interpreta e desenvolve toda a vida do povo. O Fascismo, com efeito, sublimou o Estado, transformando-o num fim em si mesmo. Segundo Paxton (2007, p. 202), “a propaganda fascista colocava o Estado, e não o partido no cerne de sua mensagem”. Ele também coloca que os regimes fascistas nunca foram estáticos e que devemos olhar o seu domínio “como uma infundável luta pela primazia interna a uma coalizão, exacerbada pelo colapso das restrições constitucionais e do estado de direito, e acirrada por um clima de generalizado darwinismo social” (PAXTON, 2007, p. 200).

O nacional-socialismo alemão desvaloriza a ideia de Estado, considerando-o como simples aparelho ao serviço da comunidade do povo. Como salientava Adolf Hitler, o Estado não passa de uma simples forma cujo conteúdo é a raça: o Estado é um meio de atingir um

fim. Deve manter, em primeiro lugar, as características essenciais da raça. Para o Nazismo, o Estado e a sociedade pertencem a uma unidade por meio de uma terceira força: o povo político formando um todo por meio de um movimento que transforma o Estado em um simples aparelho administrativo.

Hitler colocava que o fim supremo do Estado racista deve ser o de procurar a conservação dos representantes da raça primitiva, criadores da civilização, que fazem a beleza e o valor moral de uma humanidade superior. Dessa maneira, Hitler considerava que o Estado é um organismo racial e não uma organização econômica, em que o instinto de conservação da espécie é a primeira causa da formação de comunidades humanas.

Schmitd (2016, p. 129-130) nos coloca algumas características básicas do Fascismo para podermos abordar em sala de aula, trazendo tais características para a atualidade, para podermos discutir com os educandos. São elas:

- Anticomunismo: os fascistas não suportam a igualdade social. Seus fundamentos são baseados no darwinismo social, acreditando que existem pessoas “naturalmente superiores” e pessoas “naturalmente inferiores”, tanto quanto povos superiores e inferiores. O comunismo, para o fascismo, significa a destruição da hierarquia social e a abolição dos valores nacionais e mesmo do conceito de pátria.
- Antiliberalismo: o regime democrático é acusado de fraco e de corrupto, dominado pelos “enganadores do povo”. Há um cerceamento da liberdade civil, pois se trata de um regime autoritário. Os fascistas defendem o regime ditatorial. O fascismo rejeita a democracia, vista como o regime de uma burguesia decadente e desfibrada que permite que os inimigos da nacionalidade (os comunistas) atuem contra ela. Para o fascismo, a vitória política dá-se pela força, na batalha das ruas e não pelo consenso democrático, nem por eleições. Rejeitam a igualdade racial ou sexual (para Hitler, a mulher deveria conformar-se com os três K: *Kinder, Küche, Kirche* [crianças, cozinha e igreja]).
- Totalitarismo: o fascismo considera o poder do estado fundamental. Cabe a ele restabelecer a ordem depois do caos instaurado pela democracia liberal e pela agitação comunista. Ele deve intervir em todas as instâncias sociais, sendo o responsável pela formação completa do cidadão e por sua completa adesão ao regime. Controlam a propaganda, a imprensa, os sindicatos, a educação, isto é, deve ser um *Stato Totale*, no dizer de Mussolini.
- Militarismo e culto à violência: deve-se, como entre os militares, respeitar-se a hierarquia. O país viraria um grande acampamento militar, no qual não haveria espaços para discordâncias. Assim, se estabeleceria a “ordem” e a “disciplina” e a nação prosperaria. Para Hitler, não existe solução que não passe pelo campo de batalha.
- Nacionalismo xenófobo: há o amor extremado à pátria, a ponto de encobrir qualquer erro ou falha dos dirigentes - quem está contra o governo está contra a pátria. Tudo de ruim tem como culpado o estrangeiro (xenofobia), que é visto como hostil e inferior.
- Racismo: o fascismo surge como um movimento de defesa da nacionalidade ameaçada pela conjuntura internacional dissolvente e pela tentativa comunista de aboli-la. Preservar a tradição, os valores e símbolos nacionais, o folclore, a raça, a mitologia pátria e combater todas as tentativas de aviltá-las é a sua missão. Para os nazistas, a principal ameaça à raça e à nacionalidade era o judaísmo, daí seu antissemitismo tê-los conduzido à “solução final”, o extermínio dos judeus europeus. Os fascistas são altamente preconceituosos e conservadores. Defendem a submissão da mulher e a eliminação de homossexuais e povos que eles consideram inferiores.
- Culto ao chefe supremo da nação: o fascismo depende de um líder, de um guia, de um condutor de homens que impõe sua vontade sobre uma massa dócil e obediente. Ele é o

governante absoluto, sua vontade é lei, o seu lema é “crer e obedecer”. Seus partidários devem-lhe obediência e total acatamento das suas ordens. O líder é visto como um messias, um salvador, que retira o país da desordem e da crise moral em que se encontra.

- Irracionalismo: os fascistas acreditam que o racionalismo é limitado. O mais importante são os instintos e a força bruta. A verdade é aquilo que o mais forte consegue impor. Por isso, os fascistas dão muita importância à propaganda política, que manipula a consciência das massas.

Os fascistas acreditavam que seus ideais se espalhariam e predominariam no mundo todo. Portanto, o Fascismo se apresentava como uma proposta completa para todas as sociedades do planeta.

Discutindo o fascismo em sala de aula

O fascismo é um tema que deve ser abordado todos os anos em sala de aula, principalmente com alunos das séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. É na fase da adolescência, onde o jovem necessita agrupar-se para formar a sua identidade, que acontece de participar de organizações que vem reproduzindo as características dos movimentos fascistas.

No entanto, discutir com os alunos os fundamentos fascistas requer que o professor tenha uma dose extra de cuidado ao tratar do assunto, pois como a discussão pode trazer a conscientização do grupo frente a estes movimentos urbanos atuais, também pode reforçar o gosto pelo movimento, saindo, assim, o *tiro pela culatra*.

O professor deve ter seu objetivo bem explicitado em sua ementa, não dando margem a possíveis interpretações errôneas dos movimentos que estará sendo abordado em sala. Para tanto, colocamos algumas sugestões metodológicas embasados em autores que defendem um ensino de História mais coerente com as mudanças e desafios contemporâneos.

Pinsky (2007, p. 25) afirma que “é preciso que os alunos tenham acesso a algum conteúdo histórico e que entendam a sua contextualização”. Dessa forma, podemos dizer que além de se pensar o passado enquanto conteúdo, também se deve pensar esse passado em conjunção com o presente. Assim, abordar o fenômeno fascismo em aula sem lhe dar uma coesão histórica e presente pouco contribuirá para o entendimento do grupo seguindo os objetivos propostos do professor.

Devemos nos questionar que tipo de temas ou conceitos pode ser relevante e onde poderemos nos remeter ao passado, quais assuntos importantes devem ser discutidos com os alunos. Por meio desse questionamento, ao obtermos claramente tais respostas enquanto professores, podemos:

Despertar o interesse dos alunos, [...], capacitar os estudantes no sentido de perceberem a historicidade de conceitos como democracia, cidadania, [...], fazer com que os alunos não só reconheçam preconceitos, mas compreendam o seu desenvolvimento e mecanismos de atuação, para poder criticá-los com bases e argumentos mais sólidos. Demonstrar com clareza certos usos e abusos da História, perpetrados por grupos políticos, nações, facções [...] possibilitar a crítica ao dogmatismo e ‘verdades’ absolutas” (PINSKY, 2007, p. 25-26).

Propomos enquanto metodologia pedagógica que o professor inicie o desenvolvimento de seus objetivos propondo uma dinâmica de questionamentos para o grupo frente ao que conhecem dentro do senso comum sobre o fascismo e os movimentos que podemos intitular de

fascistas. Dessa maneira, o professor poderá utilizar como base o que o grupo trouxe para poder construir ou desconstruir alguns conceitos.

Sugerimos também que se traga para a sala uma história, onde o grupo se encontre inserido no contexto. No livro didático “Nova história crítica”, Schmitd (2016, p. 127) dá como sugestão a história “Os camisas-pardas”:

Imagine que um dia chegue um colega novo na sua turma. Ele tem o cabelo raspado, é muito sério e veste sempre camisa parda. No começo, uma porção de colegas acham graça e caçoam do seu jeito estranho. Mas, aos poucos, vão se acostumando com o colega. Um ou outro aluno começa a conversar com ele. Apesar da pouca idade, o novo aluno tem convicções muito sólidas e, como tantos jovens, odeia os políticos. Os olhos brilham quando fala de seus ideais, do sonho em mudar o nosso país para melhor [...]. Dias depois, outros dois colegas também estão vestindo a camisa parda e, na semana seguinte, mais dois. Um menino faz piadas a respeito. Ele é o mais divertido da sala, sempre brinca com os outros. Mas um dia falta à aula e logo corre o boato de que ele levou uma surra de um grupo de rapazes de camisa parda. [...] O fato é que na semana seguinte os pais levaram o colega piadista para outra escola. Dizem que ainda está todo machucado. Um arrepio corre pela turma. Já são dez colegas vestidos de camisa parda. Numa turma de 35 alunos, os camisas-pardas são minoria, mas todos têm medo deles. Eles mandam na turma. E sentem orgulho disso.

Por meio de histórias, como o exemplo citado, pode-se dar início à discussão do que foi o movimento fascista na história, pois demos um exemplo de um recorte da sociedade, no caso, a escola. E num contexto historiográfico de uma sociedade inteira, como aconteceu? De acordo com Pinsky (2007, p. 28), “quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer”.

Podemos ir muito além se incluirmos como exercício a análise de um filme, como exemplo “*A onda*”. A história foi baseada em fatos reais, em um experimento que ocorreu nos Estados Unidos, na primeira semana de **abril de 1967**. O professor **Ron Jones da Cubberley High School, em Palo Alto**, na Califórnia, lecionava história e decidiu criar esse experimento para mostrar aos seus alunos como alguns alemães foram capazes de alegar ignorância sobre o massacre de judeus durante o Holocausto. Ele criou um movimento chamado “*A terceira onda*”. O verdadeiro experimento não foi muito bem documentado, apenas através do jornal da escola e depois em uma tese do próprio Ron Jones, mas foi o suficiente para gerar o filme de 1981, posteriormente um livro e até mesmo um musical.

Tal análise tem por objetivo observar a reação dos alunos frente a um fato real que condiz com aquilo que estão acostumados a conviver, que é o ambiente escolar. Também busca elucidar as possíveis consequências que um movimento baseado em ideologias pode vir a resultar. Bezerra (2007, p. 46) diz que se concebermos o estudo da História enquanto processo, podemos aprimorar o exercício da problematização da vida social. Dessa forma, podemos comparar problemáticas atuais e de outros momentos, nos posicionando criticamente na atualidade, buscando relações possíveis com o nosso passado.

Partindo desses dois trabalhos, sugerimos ainda trazer para a sala de aula *slides* contendo notícias atualizadas dos problemas sociais, as quais podemos compor como movimentos que podem traduzir as ideologias fascistas na atualidade, como o Movimento dos Skinheads, a homofobia, a xenofobia, a resistência e a intolerância aos grupos minoritários etc.

Del Roio (1987, p. 81) afirma que, infelizmente, o Fascismo ainda está presente em nossos dias e está mais próximo de nós do que imaginamos. Mesmo após a Segunda Guerra

Mundial, os membros fascistas terem sido julgados e condenados, seus fundamentos continuaram a existir com nomes diversos.

Como exercício estrutural, enquanto avaliação do estudo desenvolvido, pode ser sugerida a dramatização ou a confecção de histórias em quadrinhos do cotidiano, em que podem ser encontradas atitudes como racismo, xenofobismo, homofobia, violência, preconceito etc. Tais propostas curriculares vão ao encontro de buscar envolver o aluno por meio da problematização. Segundo Bezerra (2007, p. 41) “as atividades constituem o cerne do trabalho pedagógico apresentado, pensado sempre do ponto de vista da construção de um conhecimento escolar significativo”.

No entanto, é importante frisar que não devemos nos preocupar com a quantidade ou as lacunas dos conteúdos a serem apresentados, mas sim o modo como trabalhamos historicamente esse tema e os assuntos que seguem tal caminho. Não basta apenas apresentar, é importante mudar a mentalidade para não se reproduzir a violência.

Considerações finais

Podemos concluir que o fascismo histórico que atendia pelo nome de fascismo, morreu com Mussolini e Hitler em 1945. Contudo, a teoria fascista continua ativa, embora seus seguidores evitem ser denominados fascistas. A causa dessa disparidade entre ser ou não fascista está, todavia, no processo de assimilação de pressupostos falsos que permitiram que as pessoas atualmente viessem a desconhecer o real alcance do fascismo e seu verdadeiro contexto em que a palavra pode ser usada para definir algum comportamento totalitário ou não.

Daí vem o fato de ser comum ouvirmos as pessoas julgarem isso ou aquilo como manifestação fascista, tanto quanto julgarem que o Fascismo é um movimento morto e enterrado. É possível concluir, então, que o Fascismo ainda está vivo e atuante na modernidade, fazendo parte da ideologia de grupos ignorantes, que por meio do radicalismo e da violência atuam na sociedade, segregando grupos minoritários em todos os territórios do planeta.

Por outro lado, ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Portanto, é importante que o professor esteja antenado com o mundo a qual estamos inseridos, estando atualizado com os movimentos sociais, suas causas e consequências.

Trabalhar os movimentos fascistas em sala de aula, abordando esse tema nas disciplinas de Sociologia e História, busca trazer à tona ideologias que pouco são discutidas na escola e na sociedade. No entanto, são revisitados a todos os instantes na mídia, enquanto formas de manifestações violentas por grupos que não conseguem fundamentar suas práticas um tanto totalitárias.

Dessa forma, encontramos jovens, que para confirmar sua identidade, aliam-se a grupos que se dizem revolucionários e que pouco conseguem enxergar suas atitudes diante do que é o ser humano.

Não é objetivo de o presente artigo trazer receitas metodológicas ou esgotar a ideia de uma prática pedagógica que vislumbre desvendar os movimentos fascistas ocorridos na historiografia mundial e nacional, tampouco tratar em específico da ideologia fascista. Procuramos, sim, dar início a uma discussão sobre o assunto tão presente nos noticiários da TV e na internet, a ponto de encorajar mais professores a abordarem este tema em sala de aula.

Referências

BEZERRA, Holien Gonçalves. Conceitos básicos, ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). **Histórias na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CARVALHO, Pedro Conceição. **O fascismo e o nazismo**. 2007. Disponível em: <http://www.ciari.org/investigacao/O_Fascismo_e_o_Nazismo.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

DEL ROIO, José Luiz. **O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo**. São Paulo: Global, 1987.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PAXTON. Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINSKY, Jaime. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **Histórias na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.